

Clara de Assis e o seguimento de Jesus



José Carlos Freire

Sumário

INTRODUÇÃO.....	03
CAPÍTULO I - O SEGUIMENTO DE JESUS.....	04
O seguimento de Jesus em Mc 8,34-35	04
O seguimento de Jesus na Cristologia latino-americana.....	05
“Seguimento” é mais que “imitação”.....	07
Conclusão.....	09
CAPÍTULO II - A SANTA, CLARA DE ASSIS.....	11
Breve histórico.....	11
Clara e a Vida Religiosa de seu tempo.....	14
CAPÍTULO III - OS ESCRITOS DE CLARA E O SEGUIMENTO DE JESUS.....	16
Algumas considerações sobre os escritos de Clara.....	16
Esboço de uma “cristologia clariana”	17
O seguimento de Jesus.....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	27

Às pessoas que, ao longo da história, como Clara de Assis, arriscaram-se pelo caminho do seguimento de Jesus de Nazaré - cada uma do seu modo, dentro do seu contexto histórico - e que souberam perceber o mundo a partir do olhar Divino, deixando, de uma vez para sempre, de se conformar com qualquer tipo de diminuição do valor da mãe terra, das irmãs criaturas e, dentre elas, do irmão ser humano, em especial, dos pobres, os preferidos de Deus.

José Carlos
Belo Horizonte, Natal de 2000.

INTRODUÇÃO¹

Há mais ou menos oitocentos anos atrás viveu Clara de Assis. Uma mulher importante da sua época, para dentro da Igreja e mesmo para além dela. Seu testemunho de vida simples no Mosteiro de São Damião, em Assis, comove pessoas até os dias de hoje. Porém, a pessoa de Clara ficou muitos séculos ofuscada. Falou-se sempre mais de Francisco de Assis, seu contemporâneo, amigo e companheiro de ideal, mas de Clara sabe-se ainda pouco. Seus escritos têm sido recuperados recentemente, sobretudo a partir do oitavo centenário de seu nascimento (1994). Desde então, a figura de Clara vem aparecendo cada vez mais como exemplo de fidelidade evangélica, firmeza de decisão, exercício de feminilidade integrada, testemunha de uma vida religiosa autêntica.

É nesta tentativa de resgate da pessoa de Clara que queremos analisar seus escritos, tendo em vista o que se entende hoje por “seguimento de Jesus”. Partimos de uma visão mais moderna de seguimento, procurando concebê-lo de forma integrada e libertadora, como se desenvolveu ultimamente na América Latina. Desde já, apresentamos nosso objetivo maior: perceber Clara de Assis como modelo de seguidora de Jesus. Para isso tentaremos, no primeiro capítulo do trabalho, definir o que seja o seguimento de Jesus, com base no evangelho de Marcos e na Cristologia, tentando, superar a visão, que nos parece reduzida, de “imitação de Cristo”.

No segundo capítulo, mostramos os elementos fundamentais da vida de Clara de Assis, os traços marcantes de sua espiritualidade e o seu significado histórico.

Por fim, no terceiro capítulo, analisamos os escritos de Clara na ótica cristológica, buscando perceber qual o modo de seguimento de Jesus que aparece na obra clariana. Também traçamos algumas considerações na tentativa de situar não só a obra de Clara como fonte de inspiração para o seguimento, mas também a pessoa mesma de Clara como modelo de seguidora de Jesus.

¹ Este texto foi apresentado com o título original de “O seguimento de Jesus nos Escritos de Santa Clara de Assis”, como Monografia de conclusão do curso de Graduação em Teologia do Instituto Marista de Ciências Humana de Belo Horizonte, afiliado à Pontifícia Universidade Católica do Paraná, em novembro de 2000.

CAPÍTULO I

O SEGUIMENTO DE JESUS

O seguimento de Jesus em Mc 8,34-35

“³⁴Chamando a multidão, juntamente com seus discípulos, disse-lhes: ‘Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me.³⁵Pois aquele que quiser salvar a sua vida, irá perdê-la; mas, o que perder a sua vida por causa de mim e do Evangelho, irá salvá-la’”(Mc 8,34-35)

O evangelho de Marcos tem duas grandes partes². Na *primeira parte*, Marcos procura levar os leitores a se perguntarem “quem é Jesus?” A resposta a esta pergunta está em Mc 8,27-30, quando Pedro declara: “Tu és o Cristo”. Na *segunda parte* do evangelho, Marcos procura mostrar “que tipo de messias é Jesus”. Ela começa com a “subida de Jesus a Jerusalém” (Mc 8,31 - 10,52), onde se estabelece um ensinamento de Jesus aos discípulos, exatamente sobre o discipulado.

O trecho sobre o seguimento a que nos referimos, Mc 8,34-35, localiza-se exatamente no início da segunda parte do evangelho, após o primeiro anúncio da paixão (Mc 8,31): “E começou a ensinar-lhes: ‘O Filho do Homem deve sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, pelos chefes dos sacerdotes e pelos escribas, ser morto e, depois de três dias, ressuscitar’”; seguido da incompreensão dos discípulos (Mc 8,32): “Dizia isso abertamente. Pedro, chamando-o de lado, começou a recriminá-lo”. A instrução de Jesus (Mc 8,34-35) é uma reação ao medo de Pedro. Nela, Jesus ratifica sua proposta e seu projeto. Este é um recurso de Marcos: anúncio-incompreensão-instrução. Ele o utilizará ainda duas vezes (Mc 9,31-35 e Mc 10,32-45).

A instrução de Jesus, na elaboração de Marcos, procura apontar aos discípulos as conseqüências do seguimento para a vida³. É um trabalho de montagem a partir das sentenças de Jesus, com paralelos nos outros três evangelhos, cada qual com sua forma própria (Lc 14,25-27; Mt 10,37-39, Jo 12,25-26).

Os destinatários primeiros do ensinamento de Jesus são os discípulos, mas é notória a presença da multidão. Não é, pois, uma instrução privada, mas um convite público ao discipulado⁴. Nos paralelos sinóticos a expressão “povo” é omitida, o que nos leva a crer que Marcos queira estender o ensinamento a todo o povo e não só aos líderes (discípulos)⁵.

1.Três imperativos do seguimento

Marcos destaca três imperativos para o seguimento: negar-se a si mesmo, tomar a cruz e seguir. O *negar-se a si mesmo*, expressão própria de Marcos, denota a auto-renúncia, o “descentramento” de si⁶. Trata-se de negar a ambição de poder, o domínio sobre os outros, a glória humana. Marcos não quer afirmar a anulação do discípulo de Jesus, pelo contrário, ele quer apresentar as condições que lhe darão a liberdade para agir⁷. O que atrapalha o seguimento, nesse caso, é o desejo de prestígio pessoal. Negar-se, é negar a dimensão desejante de auto-exaltação.

Quando Marcos fala de *tomar a cruz* ele quer se referir à resistência imposta aos cristãos, concretamente, o Império Romano⁸. A morte de cruz era algo bem comum na Palestina sob a dominação de Roma. Por isso, a coragem exigida para enfrentar a cruz alerta os discípulos para a hostilidade da sociedade. Vale lembrar que na época em que é escrito o evangelho de Marcos, a perseguição já fazia parte do cenário da vida cristã. A conotação da advertência, portanto, não é de ascetismo pessoal, de um sofrimento

² SILVA, 1989, p.11-21.

³ BARBAGLIO, FABRIS, MAGGIONI, 1990, p.515.

⁴ MYERS, 1992, p.298.

⁵ SCHNACKENBURG, 1974, p.22.

⁶ BARBAGLIO, FABRIS, MAGGIONI, 1990, p.516.

⁷ MATEOS, CAMACHO, 1998, p.217.

⁸ BARBAGLIO, FABRIS, MAGGIONI, 1990. p.516, nota n.º 7.

procurado ou aceito passivamente, mas sim política, de enfrentamento das forças que se opõem ao anúncio do evangelho⁹. O discípulo é colocado diante de uma escolha: negar Cristo (auto-afirmação) ou confessá-lo, assumindo as conseqüências (auto-renúncia)¹⁰.

Com isto, o que significa o terceiro imperativo, *seguir* a Jesus? Podemos falar de um “envolvimento do discípulo no destino de Cristo morto e ressuscitado”¹¹. É colocar-se na mesma dinâmica de Jesus, dando sentido a qualquer tipo de oposição que surgir, enfrentando até a morte se preciso. Isso fica claro na continuação do texto, quando fala do paradoxo do “ganhar/perder”. Aqui vale ressaltar que, para o mundo judaico, a expressão “vida” não se identifica com a “alma” do pensamento grego¹², nem tampouco ganhar a vida significa um prêmio pós-morte, como pode-se interpretar no texto de João 12, 25b: “...e quem odeia a sua vida neste mundo guardá-la-á para a vida eterna”. Para os leitores de Marcos, que entendem “vida” como toda a existência da pessoa, perdê-la significa frustrar-se num desdobramento do próprio eu; ganhá-la é, como diríamos hoje, realizar sua existência¹³. O seguidor fiel de Jesus é aquele que busca levar sua vida à plenitude fazendo o mesmo com a vida do outro¹⁴. Para Marcos, no caminho de seguimento se conhece a Jesus Cristo, o discípulo aprende com ele a arte de realizar-se, realizando o outro.

Podemos concluir que a mensagem central de Mc 8,34-35 é esta: o seguidor de Jesus deverá enfrentar as forças contrárias ao evangelho dentro em si próprio e na sociedade. E o evangelho é exatamente isto: doação ao outro. Por isso o paradoxo do ganhar/perder, já que para o ambiente do Império Romano o que vale é a exaltação da própria imagem. Olhar o outro, nesse caso, significa perder; para o seguidor de Jesus significa ganhar.

O seguimento de Jesus na Cristologia latino-americana

Partimos, neste ponto, da cristologia que se desenvolveu na América Latina nas últimas décadas, por seu caráter libertador e crítico. Limitamo-nos a três autores: Jon Sobrino, Segundo Galilea e Andrés Torres. Queiruga. Para isso, procuramos definir duas coisas: quem são os seguidores de Jesus e quais as características do seguimento.

1. Os seguidores de Jesus

No contexto da vida de Jesus, após a sua morte e mesmo séculos depois, há uma variedade de seguidores. Não se trata de dizermos quais grupos ou quais pessoas são mais fiéis ao projeto de Jesus, mas simplesmente de clarearmos um pouco a terminologia “seguidores”.

Cabe recordarmos, em primeiro lugar, o importante resgate que houve em nossa época, sobretudo nas últimas décadas, da *vida de Jesus*, e mais que isso, das conseqüências da sua vida para os seus seguidores. De acordo com Galilea, o encontro com a humanidade de Jesus apresenta-se como ponto de partida para a espiritualidade cristã, e, conseqüentemente, para o seguimento¹⁵. Trata-se de um olhar integral, ou seja, valorizar a vida de Jesus significa abordá-la no conjunto de encarnação-morte-ressurreição, evitando o destaque de um elemento apenas.

Em segundo lugar, observamos um certo “silêncio” dos sinóticos, que mesmo preocupados em mostrar os fatos da vida de Jesus, nada falam das *pessoas que dele se aproximaram mas não o seguiram*. Eles se calam sobre o seguimento por parte de cegos, aleijados, doentes. É possível fazer uma distinção entre um seguimento “querigmático-escatológico”, daqueles que se inspiram na pessoa de Jesus,

⁹ MYERS, 1992, p.299-300.

¹⁰ Ibidem, p.299-300.

¹¹ BARBAGLIO, FABRIS, MAGGIONI, 1990. p.516.

¹² SCHNACKENBURG, 1974, p.25.

¹³ Ibidem, p.25.

¹⁴ MATEOS, CAMACHO, 1998, p.218.

¹⁵ GALILEA, 1985, p.66.

caminhando com ele; e um seguimento “ético”, daqueles que acolhem seu ensinamento, mas não configuram-se como discípulos¹⁶. Por outro lado, como diz Sobrino, deve-se ressaltar o enfoque dado pelos três evangelistas. Há uma dupla dimensão do Reino: a atividade em realizá-lo (seguimento) e o resultado visível (libertação). Para Sobrino, os evangelistas optam ora por uma dimensão, ora por outra. No caso dos cegos, coxos e doentes que são curados, mas não seguem a Jesus, o objetivo dos evangelistas parece ser o de mostrar o resultado do Reino, ou seja, a libertação¹⁷.

Sobrino também afirma a evolução da consciência de Jesus¹⁸: quando ele, no princípio de seu ministério, acredita na vinda iminente do Reino, o apelo do seguimento é feito a poucos; já quando não vê a realização como algo próximo, o chamado ao seguimento é ampliado para todos. De qualquer forma, o objetivo dos evangelhos não é o de delimitar aqueles que são seguidores e aqueles que não o são, mas sim mostrar a realização do Reino em Jesus.

Por fim, podemos apontar uma *diferença entre os seguidores de Jesus que conviveram com ele e os seguidores futuros*¹⁹. Para os primeiros, a referência direta é a vida mesma de Jesus. É um pequeno grupo, mesmo somando aos discípulos todos aqueles que ouvem Jesus mas não andam com ele. Já para os segundos, a referência estará em “discernir como Jesus”, ou seja, fazer a vontade do Pai; o chamado se estende para além da época e do espaço da pregação de Jesus, indo até os “confins da terra” (Atos dos Apóstolos 1,8).

Portanto, a categoria “seguidores de Jesus” não define um grupo fechado. Seguidores são todos aqueles que em qualquer época se dispõem em viver o seu projeto do Reino de Deus. Mesmo aqueles que se enquadram no chamado seguimento “ético”, pela ressurreição passaram também a ter um contato pessoal com a pessoa de Jesus, através do Espírito. Todos que experimentam agora o Cristo da fé, entram na tensão querigmático-escolástica do Reino de Deus, que nada mais é que realizar o projeto de Deus. É esta a síntese do que se chama seguimento de Jesus.

2. As características do seguimento

As características do seguimento referem-se diretamente à vida mesma de Jesus. Apontamos três, que nos parecem as mais importantes: a relação com o Pai, o projeto do Reino de Deus e o destino do seguidor.

A primeira característica é a *relação com o Pai*. Seguir Jesus implica na fidelidade e entrega total nas mãos do Pai²⁰. É uma exigência para a sintonia de coração, isto é, ter o mesmo objetivo, a mesma intenção e mesma prática do Pai. Jesus tem a convicção de estar realizando aquilo para o qual foi enviado. A relação com o Pai dá a Jesus um olhar de misericórdia e gratuidade, orientando o seu projeto, determinando sua vida e sua morte. Em tudo ele quis fazer a vontade do Pai²¹.

A segunda característica refere-se ao *projeto do Reino*. A vida de Jesus se torna exemplar para os cristãos não pelos atos ou valores universais que ele apresentou, e sim porque ele os colocou na dinâmica da concretização do Reino de Deus²². O seguidor é chamado não só para “ser justo”, mas para “fazer justiça”. Ganha espaço a figura do outro e a relação com ele como condição para a mudança maior: para Jesus, recriar o indivíduo é recriar a sociedade; ao se recriar esta, recria-se aquele²³. A afirmação do outro implica num esquecimento de si, ou seja, a certeza de que o mais importante é o bem estar do outro. Isso provoca um despojamento, um “deixar tudo”, que é a base do processo de conversão²⁴.

¹⁶BLANK, 1993, p.819-822.

¹⁷Para um maior aprofundamento desse tema, ver SOBRINO, 1983, p.134-135.

¹⁸Ibidem.

¹⁹Ibidem, p.148.

²⁰GALILEIA, 1985, p.70.

²¹Ibidem.

²²SOBRINO, 1983, p.135.

²³Ibidem, p.139-141.

²⁴Ibidem, p.142-145.

A terceira característica diz respeito ao *destino do seguidor*. O entregar-se totalmente ao Pai implica aceitar as conseqüências. No caso de Jesus, a cruz foi a maior prova de confiança. Sinal de insucesso, incapacidade e impotência diante da resistência ao projeto do Reino. A resposta de Jesus ao silêncio do Pai no Monte das Oliveiras (Mc 14,35) é a aceitação do sofrimento, um salto no escuro de quem só tinha o Pai como consolo e esperança. Este é o caminho inevitável do seguidor de Jesus.

Vale ressaltarmos, ainda, que o sofrimento de Jesus é *necessário*, algo inevitável, uma vez que ele quis ser fiel ao projeto. Este sofrimento aparece como mistério, como situação incompreendida que só ganha sentido se situada, como dissemos, na confiança e obediência ao Pai. Outro tipo de sofrimento, que pode também ser chamado sofrimento de cruz, refere-se às situações injustas, que ameaçam a vida humana. Este sofrimento clama por uma atitude do cristão. Ele não deve existir, mas sim ser evitado. Nesse caso, o texto que apresentamos de Marcos ajuda nossa compreensão: a cruz não é algo necessário no caminho, como se fosse um “passaporte” para unir-se a Jesus; ela é, antes, conseqüência da situação onde se dá o seguimento.

Por fim, cabe dizer que o seguimento de Jesus convoca o cristão a olhar para Jesus, não tanto como o modelo de vida cristã a ser copiado, mas como *a referência*. Como diz Queiruga, Jesus “não é tanto aquele para o qual se olha, mas aquele com quem se olha e como se deve olhar”²⁵. Com isso, inclusive, superamos uma visão simplista da relação do cristão com Jesus: ele “não é tanto aquele a quem se ‘serve’ e se ama, mas aquele que com sua comunhão nos dinamiza para que sirvamos e amemos ao próximo”²⁶. Jesus é, sem dúvida, o “ponto de chegada” para os seguidores, porque chegando a ele chegam ao Pai (Jo 14,9b), mas como referência de seguimento ele se torna “ponto de partida”. Ele é *caminho* (Jo 14,6a).

“Seguimento” é mais que “imitação”

O seguimento de Jesus implica um movimento dinâmico de constante caminhada. Tal visão vai além de uma mera imitação moral das atitudes de Jesus. Trata-se de se inspirar em Jesus, não em copiá-lo. Mas, para que isto fique mais claro, é preciso fazer uma pequena abordagem sobre esta forma de entender a relação com Jesus chamada “imitação de Cristo”, olhando sua base espiritual e seu contexto histórico.

1. A corrente espiritual da *Devotio Moderna*

A “imitação de Cristo” (*Imitatio Christi*) surge da chamada “Devoção Moderna” (*Devotio Moderna*), um movimento espiritual do norte europeu, cujo mestre maior foi Gerard Groot (1340-1386). Foi consolidada por ele ao fundar uma congregação religiosa: os Irmãos da Vida Comum. A *devotio moderna* alimenta-se da tradição mística da alta Idade Média, como reação ao excesso de racionalismo escolástico e também ao divórcio entre a teologia acadêmica e a espiritualidade²⁷. Seu autor mais conhecido é Tomás de Kémpis (1379-1471), monge holandês da Congregação fundada por Groot, cujo livro “Imitação de Cristo”, depois da Bíblia, foi o mais traduzido e divulgado no mundo inteiro²⁸. Trata-se de uma compilação de anotações de Gerard Groot e organizadas por Kémpis. Este, acrescentou ao original alguns exercícios de piedade da época.

O livro não forma uma doutrina organizada, mas sim um manual que pode ser chamado de “tratado de práxis cristã”²⁹. Nele há uma predominância do viver sobre o saber: “não é o saber sublime que torna o homem santo e justo, mas uma vida inocente o faz agradável a Deus” (Imitação de Cristo -IC- 1,3). É forte a influência da mentalidade dualista da Idade Média que exalta a alma em detrimento do corpo, já que “a suprema sabedoria consiste em caminhar para o Céu pelo desprezo do mundo” (IC 1,3). O manual

²⁵ QUEIRUGA, 1998, p.288.

²⁶ Ibidem.

²⁷ GALILEA, 1986, p.70-71.

²⁸ Cf. a introdução de: KÉMPIS, 1993, p.6.

²⁹ GALILEA, 1986, p.70-71.

ainda afirma que “é vaidade amar o que passa com tanta ligeireza e não aspirar a uma felicidade que sempre dure” (IC 1, 4).

Toda a composição de “Imitação de Cristo” visa uma conversão a Jesus. Ocupa um lugar especial o seu sofrimento que deve ser assumido pelo cristão: “Tem Jesus muitos que amam o Seu reino, mas poucos que querem levar a Sua cruz” (IC 11,1).

A imitação de Cristo, entendida como o caminho de realização cristã, influenciou muito o imaginário medieval. Podem ser apontados como conseqüências desta mentalidade o desprezo pelo mundo; a fé devocional à eucaristia; e a relação com Jesus reduzida a uma cópia de suas atitudes, interpretadas sobretudo como aceitação do sofrimento, passividade nas situações, e espera de uma glória futura e ultraterrena.

2. A “Imitação de Cristo” e o contexto sócio-eclesial do sec. XIV

O ideal de imitação, sistematizado nas anotações de Groot e organizados por Kémpis, ao tentar resumir o essencial da vida cristã, chega inevitavelmente a uma visão unilateral da fé. Mas é preciso fazer duas considerações: primeiro, *o ambiente ocidental do século XIV*. Trata-se de um enfrentamento que se dá entre a Cristandade em declínio e a Renascença em ascensão. É um período de grandes conflitos: guerras, epidemias, a “peste negra” de 1348 que assola a Europa, a miséria, o banditismo e a revolta dos pobres, tudo levando a consciência coletiva ao medo da morte³⁰. A fé cristã ganha um estilo devocional, pela qual o sofrimento do Cristo tem importante destaque, além da figura do demônio e dos feiticeiros que povoam o imaginário cristão. Entretanto, a pessoa de Jesus é o centro da devoção³¹.

A segunda consideração trata do *aspecto interno da Igreja*, que remonta a um pouco mais atrás na história. Desde a virada do primeiro para o segundo milênio, a Igreja, ao aproximar-se de seu apogeu político-econômico, recebe constantes questionamentos, tanto pelo clero quanto no meio laical. No clero, o mosteiro de Cluny, ainda no sec. X e início do sec XI, impõe-se como reação à influência do feudalismo na Igreja, por um resgate da vida cristã³²; é também importante o mosteiro de Cister, no sec. XII, que, na pessoa de Bernardo de Claraval, apresenta um estilo de vida austero, oposto à opulência de Roma³³.

Entre os leigos, o questionamento vem dos movimentos chamados “pauperísticos”, cujo ideal é o de retorno à Igreja primitiva, na pobreza, no trabalho e na pregação do evangelho em linguagem popular³⁴. Entre os vários movimentos, destacam-se os humilhados, os valdenses e os cátaros, também chamados albigenses³⁵. A radical oposição à Igreja institucional levou os movimentos pauperísticos a serem considerados quase sempre como grupos heréticos.

Assim, a proposta de “Imitação de Cristo”, no sec. XIV, tem como antecedentes essas duas tendências: uma, a mentalidade de “retorno às origens”, tanto no meio monástico, quanto entre os leigos; outra, os avanços da modernidade nascente. É nesse horizonte que Groot engendra a *devotio moderna*.

Parece-nos necessário afirmar a existência de um fator extremamente positivo nesta espiritualidade de imitação: a recuperação da humanidade de Jesus. Nas reflexões escolásticas, a figura de Jesus ficava praticamente esquecida. Aparece muito mais o caráter especulativo da fé ou a Igreja como instituição. Em ambos os casos, a autoridade apostólica recebe especial destaque. Nesse sentido, a *devotio moderna* representa um esforço de retomada da intimidade com Jesus, numa fé mais vivencial que reflexiva, numa vida mais santa que eclesiástica, acima de tudo, laical.

Porém, há também elementos negativos que não podem ser ignorados. Um destes elementos é a redução do discipulado à mera imitação moral das atitudes de Jesus, estreitando o horizonte dinâmico do seguimento. Outro fator negativo é a constituição de uma espiritualidade centrada no indivíduo: o modelo de

³⁰ PIERRARD, 1982, p.158-159.

³¹ Ibidem, p.158-159.

³² Ibidem, p.81-82.

³³ Ibidem, p.102-104.

³⁴ BRUNELLI, 1998, p.30-42.

³⁵ PIERRARD, 1982, p.100-102.

imitação supõe uma relação estritamente pessoal com Jesus. Há, inclusive, uma articulação lógica: a espiritualidade individualizada leva o cristão a ver um Jesus também individualizado, isto é, “viver como Jesus” aparece como mero cultivo da vida interior³⁶.

3. Imitação e Seguimento

Tal compreensão de imitação em muito pouco tem a ver com o que acima definíamos como “seguimento de Jesus”. Jon Sobrino, falando das implicações do seguimento para a moral cristã, diz que:

O seguimento de Jesus não consiste em sua imitação. Em primeiro lugar pela impossibilidade factual de fazer exatamente o que ele fez. Em segundo lugar, e mais profundamente, porque o cristão não deve ‘imitar’ a Jesus, precisamente porque à moral de Jesus está ligada, intrinsecamente, sua situação histórica.³⁷

Enquanto na imitação se exaltam as atitudes de Jesus em seu contexto histórico, no seguimento se destaca o projeto de Jesus a ser assumido e atualizado em cada época histórica. Entendido assim, o seguimento supera a imitação, isto é, não se deve preocupar tanto olhar o *que Jesus fez* e copiá-lo, mas sim em fazer o *caminho* de Jesus, o da obediência ao Pai. Na definição de Fiores e Goffi, o seguimento é

a resposta à fidelidade de Deus em Jesus Cristo e convite para prosseguir em comunhão de fé e de amor a obra que ele realiza e inspira em seu Espírito e atualiza em seu povo; cada geração cristã e cada cristão deve reviver o caminho pelo qual deve segui-lo superando arbitrariedades e reduções.³⁸

Mesmo que no caminho de Jesus apareça a referência do que deve ser todo caminho cristão, trata-se de *um* caminho histórico, não uma norma absoluta³⁹. É por isso que se apresentam como exigências do seguimento a atenção aos sinais dos tempos e o discernimento nas provocações da sociedade e da Igreja⁴⁰.

Por fim, quem se relaciona com um Jesus “intimista”, fatalmente tenderá a uma preocupação maior consigo mesmo que com quem está ao seu redor. Aliás, o fato de identificar-se com um Jesus intimista já demonstra uma preocupação centrada em si próprio. Por isso é que podemos dizer que a imitação implica em um deter-se sobre a própria salvação, enquanto que o seguimento implica na salvação do outro como norma primeira.

Conclusão

Pode-se concluir, a partir da visão de Marcos e da Cristologia, que o seguimento de Jesus consiste, sobretudo, em (re)fazer o caminho de Jesus: estar em comunhão com o Pai, assumir as conseqüências, enfrentando as forças hostis da sociedade e do próprio ser humano, em nome da construção do Reino de Deus.

Percebe-se, então, que a concepção de volta às origens, no início do segundo milênio, teve diferentes tendências: por um lado, a radical oposição dos movimentos leigos à hierarquia da Igreja; por outro, o modelo monástico hierarquizado; mais tarde, com a *devotio moderna*, numa visão intimista da espiritualidade. Todos os três casos constituem uma redução da mensagem Cristã.

³⁶ Falamos aqui de um exagero da individualização, numa personalização da espiritualidade. Com isso não desconsideramos o importante papel da individualidade na construção e no cultivo da espiritualidade.

³⁷ SOBRINO, 1983, p.150-151.

³⁸ MONJILLO, 1989, p.1041.

³⁹ SOBRINO, 1983, p.150-151.

⁴⁰ MONJILLO, 1989, p.1042.

Mas é possível perceber, ainda na mesma época, figuras que entenderam a “volta às origens” e o “resgate da vida cristã” como real seguimento de Jesus. Entre estas figuras, destaca-se Clara de Assis (1193-1253), alguém que superou as unilateralidades de sua época. Antes, porém, de analisar seus escritos na tentativa de perceber o que ela entende por seguimento de Jesus, faremos uma breve apresentação de sua história e as principais características de sua espiritualidade.

CAPÍTULO II

A SANTA, CLARA DE ASSIS

Breve histórico

A história de Clara é uma longa jornada de fé e busca de fidelidade à sua inspiração inicial. Apresentamos apenas alguns elementos que nos parecem essenciais⁴¹. Primeiramente, a origem de Clara. Sua família pertence à nobreza de Assis e reside no centro aristocrático da cidade. Seu pai é um cavaleiro, Favaroni. Sua mãe é Ortolana, também proveniente de uma família aristocrática⁴². A educação que Clara recebe, principalmente por parte de mãe, tem uma dupla referência: a cultura cortês-cavaleiresca e a cultura hagiográfica.

Quando nasce Clara Ofreduccio, em 1194, Assis é uma cidade de porte médio, que assiste à formação das comunas. Isso provoca várias lutas: entre os “maiores”(nobreza) e os “menores”(classe popular); entre as comunas e os senhores feudais que circundam a cidade; e os combates com as cidades vizinhas, especialmente com Perugia. Além do conflito maior entre o papado e o império. Mas é a constante luta entre os “maiores” e os “menores” o fator principal que marca todo o contexto econômico, político e religioso de Assis do século XIII.

Um segundo ponto importante é a amizade entre Clara e Francisco de Assis. Francisco é filho de um comerciante, pertencente ao grupo dos menores. Desde quando ouviu falar do novo estilo de vida do rapaz que tinha deixado tudo para seguir a Cristo, Clara se sente provocada. Aos poucos, procura estabelecer um contato maior com Francisco⁴³. Clara se encanta com seu ideal de vida, o caminho da verdadeira pobreza, a simplicidade, a fraternidade, a alegria e a paz.

Na noite do domingo de Ramos de 1212, Clara, aos 18 anos de idade, deixa secretamente a casa de seus pais para assumir uma vida de penitente. Depois de longa e penosa briga com a família, Clara resiste à pressão e, juntamente com Inês, sua irmã mais nova, inicia, num convento anexo a uma igreja fora dos muros de Assis, em São Damião, um novo estilo de vida⁴⁴. Em pouco tempo, várias jovens aderem à causa de Clara, formando o grupo das chamadas “irmãs damianitas”⁴⁵. O estilo de vida das irmãs é ao mesmo tempo eremítico e fraterno: é um estar a sós com Deus na companhia de irmãs⁴⁶.

As irmãs recebem de Francisco, seu protetor, uma “regra de vida”. Este escrito servirá de base para a vida no Mosteiro, apesar das inúmeras dificuldades que Clara enfrentou, sobretudo com a Igreja, na busca de manter sua originalidade. Impedida pelo Concílio de Latrão em 1215 de ter uma Regra própria, Clara foi obrigada a aceitar a regra beneditina, o que diminuía bastante a austeridade do Mosteiro. Mas logo em seguida pediu ao papa Inocêncio III o “Privilégio da Pobreza”(1216), que dava às irmãs a liberdade de não aceitar nenhuma oferta de quem quer que fosse⁴⁷.

Em 1250, porém, apesar da resistência do Papa e entre posições divergentes e resistentes de algumas irmãs, Clara mesma resolve escrever a sua Forma de Vida, na qual aparece a essência da inspiração

⁴¹ Para a parte do histórico, fizemos uma síntese das informações recolhidas de: PEDROSO, J. C. *Fontes Clarianas*(1994); PEDROSO, J. C. *Clara de Assis*, in: SCIADINI, P.(org.) Santos e Santas que influenciaram o II milênio(2000); BARTOLI, M. *Clara de Assis*(1998); e BRUNELI, D. *Ele se fez caminho e espelho*. O seguimento de Jesus em Clara de Assis(1998).

⁴² Mulher culta e religiosa, Ortolana sempre olhou com simpatia o novo estilo de vida que Clara escolhe. Após alguns anos da morte do marido, juntou-se à filha no mosteiro de São Damião.

⁴³ Não há consenso entre os autores se a iniciativa dos encontros partiu mesmo de Clara. Para alguns, partiu de Francisco: BARTOLI, 1998, p.54.

⁴⁴ Mais tarde, também Beatriz, a outra irmã de Clara seguirá o mesmo caminho.

⁴⁵ Há vários nomes dados às irmãs: os documentos oficiais chamam-nas “monjas reclusas de São Damião” ou “pobres irmãs reclusas”; Francisco as chama “pobres damas”, outras vezes de “pobres senhoras”; Clara prefere “ordem das pobres irmãs”, no desejo de se aproximar do nome dos “frades menores”. Certo é que, após a morte de Clara, sua família espiritual passou a ser chamada “Ordem de Santa Clara” de onde se originou o termo *clarissas*, cf. CREMASCHI, 1993, p.579.

⁴⁶ Segundo Pedroso, é essa a maior novidade que Clara e também Francisco abriram na Igreja e na Vida Religiosa: PEDROSO, 2000, p.285.

⁴⁷ O “privilégio” é um dos pontos mais originais de Clara: quando o comum era pedir outros tipos de privilégios ou concessões, o pedido de Clara é para que ninguém impeça as irmãs de serem pobres. Essa luta pelo espírito original marcará toda a vida de Clara, sua espiritualidade e seus escritos.

inicial. É a primeira mulher a escrever uma regra na Igreja. Foi aprovada por Inocêncio IV em 9 de agosto de 1253. Clara recebeu-a no dia 10 e morreu no dia 11. Mesmo assim, ainda surgirão duas outras regras após a morte de Clara.

Traços marcantes da espiritualidade clariana

Embora seja difícil em uma palavra classificar a espiritualidade clariana, queremos destacar dois traços que nos parecem essenciais: a pobreza e a contemplação⁴⁸. Com isso não estamos reduzindo a experiência de Clara, mas sim apontando a forma como se deu o seu seguimento de Jesus, os meios que ela utilizou.

1. A vida de pobreza

Para Clara de Assis, a pobreza não tem um fim em si mesma, mas articula-se necessariamente com a *confiança na providência divina*. É uma relação direta que se estabelece com o Cristo Pobre. Aliás, Clara não consegue ver Jesus Cristo a não ser como pobre.

Assim que entrou para São Damião, Clara distribuiu aos pobres a parte da herança paterna que lhe cabia⁴⁹. Nesse sentido, o “não ter nada de próprio” (Regra de Santa Clara 1,2) constitui a forma de se identificar com Cristo e, como vimos, a maior luta na aprovação de sua forma de vida. Vale mesmo resgatar a Legenda de Santa Clara, que narra parte do diálogo entre Clara e o papa Gregório IV, quando este tentava convencê-la de aceitar alguma propriedade:

Quando tentou convencê-la(...) ela resistiu com ânimo fortíssimo e não concordou, absolutamente. Respondeu o Papa: “Se temes pelo voto, nós te desligamos do voto”, mas ela disse: “Pai santo, por preço algum quero ser dispensada de seguir Cristo para sempre”(Legenda de Santa Clara -LSC- 13)

Trata-se nada mais do que um confronto entre o Papa e uma jovem de 22 anos. Prevalece a decisão de Clara. No “Processo de Canonização”, Beatriz, irmã de Clara, interrogada sobre em que consistia a sua santidade, dirá que é, sobretudo, o amor pelo “Privilégio da Pobreza”⁵⁰. É Clara que, após a morte de Francisco, sustentará o ideal de pobreza tanto entre as irmãs como entre os frades⁵¹.

Cabe ressaltarmos que Clara aponta para o *valor do trabalho*. A pobreza não indica uma dependência total dos outros, mas uma dependência de Deus. O trabalho, assim, ganha uma nova dimensão: ele é um gesto de oração, de louvor a Deus, de comunhão. Para Clara, quem proverá a vida das irmãs não é o trabalho em si, mas a providência divina⁵².

Por fim, resta-nos dizer que, na concepção clariana, a pobreza tem duas implicações: primeiramente, uma dimensão externa, isto é, mais que uma idéia bonita ou simples artifício teológico, a pobreza tem uma conotação prática; para chegar ao céu, é necessário ser pobre⁵³. Tem também uma dimensão interna: a pobreza de Clara é fecunda, pois a torna vazia de tudo, aberta totalmente em sua interioridade para a graça de Deus⁵⁴.

⁴⁸ Sobre a dificuldade em se classificar a espiritualidade clariana, ver BRUNELLI, 1998, p.14-15, nota nº 5.

⁴⁹ AUGUSTA, 1988, p.70.

⁵⁰ O Processo de Canonização traz o testemunho de várias pessoas que conviveram com ela. É preciso considerar o esforço do redator em mostrar a santidade de Clara, o que não significa tirar do Processo seu valor histórico. Cf. PEDROSO, 1994, p.60; sobre o testemunho de Beatriz, ver p. 117.

⁵¹ AUGUSTA, 1988, p.67.

⁵² Ibidem, p.76-77.

⁵³ ROTZETTER, 1994, p.235.

⁵⁴ MARIA, 1994, p.134.

2. A vida de contemplação

A contemplação está na mesma linha da pobreza, isto é, articulada com Jesus: Clara contempla a vida de Jesus, sobretudo a sua pobreza. Por isso, não busca atos extraordinários ou sobrenaturais, mas sim um “efeito” prático: contemplação significa cultivo da *humildade*⁵⁵. Por isso, contemplar liga-se diretamente com estabelecer um elo de fraternidade. Em vários depoimentos do Processo de Canonização se fala da compaixão de Clara pelas irmãs. O relacionamento de Clara com Deus repercute diretamente na relação com as pessoas ao seu redor.

Outro elemento da contemplação de Clara é a *criação*. Para ela, a terra, a natureza e os seres humanos são motivos de louvor a Deus. Assim diz o processo de Canonização, quanto ao depoimento de uma testemunha:

Também disse que, quando a santíssima mãe enviava as Irmãs servidoras fora do mosteiro, exortava-as a que, vendo as árvores bonitas, floridas e frondosas, louvassem a Deus; semelhantemente, quando vissem os homens e as outras criaturas, sempre louvassem a Deus por todas e em todas as coisas (ProcC 14,9).

Assim como Francisco, Clara entende que a contemplação não consiste em um simples exercício de oração silenciosa dentro da cela, mas de um olhar o mundo a partir da ótica da fé, vendo em tudo a presença de Deus.

Um terceiro elemento fundamental na contemplação clariana é a *alegria*. Clara se sente alegre por estar com Deus e mostra-se alegre às irmãs: “Apesar disso(do jejum), estava sempre alegre no Senhor e jamais era vista perturbada, e sua vida era toda angélica” (ProcC 3,6). A alegria foi uma atitude constante que Clara desejou transmitir a suas irmãs, atitude esta que está na plenitude da pobreza e da penitência⁵⁶.

Um quarto elemento a ser destacado é a estreita *relação entre a vocação dos frades menores e a vocação das irmãs pobres*. Como Clara e Francisco estabeleceram uma ajuda mútua, também houve uma relação de amizade e comunhão de ideal entre os “irmãos menores” e as “irmãs pobres”. Na vida dos frades e na vida das irmãs, caminham juntas a contemplação e a ação. Esta, mais visível nos irmãos menores; aquela, mais visível nas irmãs pobres⁵⁷.

Por fim, a *vida de clausura*. Não nos parece plausível a compreensão sobre o estilo de vida clariano, segundo a qual, o caráter eremítico⁵⁸ de Clara e suas irmãs teria sido simplesmente imposto pela Igreja, já que a mulher não poderia pregar. Esta imposição da clausura às mulheres é real⁵⁹, mas torna-se impossível saber se, num outro contexto eclesial, Clara teria optado por uma vida diferente da clausura. Ou se, uma vez que não tivesse adoecido, teria ido pregar em Marrocos, como desejou, mesmo que isso representasse o confronto com a Igreja⁶⁰.

O fato é que Clara escolheu a vida eremítica de acordo com o horizonte eclesial e de vida religiosa da época⁶¹. Clara, porém, parece nunca ter entendido isto como imposição. Outras irmãs de mosteiros diferentes podem ter sentido a clausura como norma arbitrária do papa, constituindo-se num impedimento de uma vida mais ativa, por exemplo, no cuidado com os pobres⁶².

⁵⁵ LECLERC, 1983, p. 99.

⁵⁶ BARTOLI, 1998, p.130-131.

⁵⁷ Muitos se esforçam em mostrar uma complementaridade entre eles, afirmando que a contemplação das irmãs equilibra-se com a ação evangelizadora dos frades, cf. LECLERC, 1983, p.100. Nós preferimos uma visão mais dialética, que não reduza de tal forma as “funções” de cada grupo, cf. BRUNELLI, 1998, p.223.

⁵⁸ O título “eremítico” cabe mais às irmãs Pobres que “clausura”, embora oficialmente seja este o nome usado. Sobre a originalidade de São Damião ver BARTOLI, 1998, p.101-109.

⁵⁹ Sobre isto, ver BRUNELLI, 1998, p.52-63.

⁶⁰ O Processo de Canonização(7,2) fala do desejo de Clara de oferecer-se em Martírio. O principal motivo para a não partida de Clara ao Marrocos, o lugar escolhido por ela, parece ter sido mesmo a doença, BARTOLI, 1998, p.107.

⁶¹ Vale lembrar que entre os movimentos heréticos, era comum a pregação itinerante de mulheres, algo duramente rejeitado pela Igreja. Inclusive um movimento, o das chamadas “minoretæ”, dizia-se inspirado na regra de Clara, cf. BARTOLI, 1998, p.111.

⁶² Sabe-se de um grupo de irmãs em Verona que, em 1224, recusou obedecer à clausura; este grupo, no final do século já não existia mais; BRUNELLI, 1998, p.59.

De qualquer forma, parece que desde o início e em seu desenvolvimento, o mosteiro das irmãs pobres de São Damião que representa o ideal de vida clariana sempre teve o caráter eremítico⁶³.

Clara e a Vida Religiosa de seu tempo

Olhando a figura de Clara como mulher religiosa de seu tempo, podemos perceber dois movimentos no que se refere propriamente à vida consagrada: o primeiro trata da *comunhão* com o espírito evangélico e o florescimento dos movimentos leigos. O segundo movimento trata da *superação*; já que Clara consegue estabelecer uma relação com a Igreja que lhe permite continuar sua obra sem perder a originalidade, algo que a maioria dos movimentos não conseguiu.

1. A influência dos movimentos pauperísticos⁶⁴

A vida religiosa do sec. XI até meados do sec. XIV conhece um grande revigoramento através dos movimentos leigos chamados pauperísticos, isto é, pobres. Eles se alicerçam basicamente em três pilares: a pobreza, o trabalho e a pregação itinerante. Esse novo vigor dos movimentos leigos surge paralelo à renovação monástica⁶⁵.

Como reação da Igreja, no horizonte eclesial entre o sec. XI e o sec. XIII, apesar de alguns momentos de maior aceitação, é uma tentativa de “monastização” dos movimentos leigos⁶⁶. Se é legítimo a necessidade de evitar as doutrinas heréticas neste período, também não pode ser negada o perigo representado pelos movimentos quanto à riqueza da Igreja, sobretudo à hierarquia. Os “pobres” não se opuseram à ostentação eclesiástica apenas pelo exemplo de vida simples, mas também pela dura crítica aos costumes do clero. Em tempos de Crisostomo, os movimentos pauperísticos representavam, sem dúvida, uma séria ameaça à hierarquia da Igreja.

Também é preciso lembrar o papel dos movimentos femininos da época. Estes, mais que os masculinos, receberam resistência da Igreja oficial. A tendência chamada “monastizante” atinge em cheio as mulheres. Na Itália, os mosteiros de diferentes origens foram unificados pelo Cardeal Hugolino, futuro papa Gregório IV, incumbido e proteger as “mulheres religiosas”. Hugolino escreveu uma regra de vida em 1219, na tentativa de enquadrar os vários mosteiros femininos enquadradas no modelo clássico beneditino. A resistência foi grande, sobretudo no mosteiro de São Damião, uma vez que a regra de Hugolino implicava numa restrição da vivência da pobreza.

A tentativa da Igreja oficial de enquadrar os movimentos femininos no modelo monástico foi consolidada pelo papa Bonifácio VIII em 1298, impondo a clausura absoluta e perpétua às mulheres.

2. Clara de Assis: uma “eclesialidade criativa”

Embora esteja diretamente ligada à vida religiosa de seu tempo, Clara consegue estabelecer alguns traços para si e para as suas irmãs que se mostram extremamente originais. Os traços são: a pobreza radical e a maneira de entender a clausura. Já falamos um pouco de ambas, mas queremos acrescentar ainda uma pequena reflexão sobre o caráter “aberto” da vida clariana.

O mosteiro de São Damião não é exemplar apenas pelo aspecto austero e humilde, mas também pela sua irradiação. Ele se mostra paradoxalmente aberto. Nas palavras de Bartoli, “o seu horizonte é tão

⁶³ BARTOLI, 1998, p.107; PEDROSO, 2000, p.285.

⁶⁴ Sobre o contexto de Vida Religiosa da época, especialmente os movimentos femininos, ver BRUNELLI, 1998, p.30-59.

⁶⁵ Destacam-se nesta época a reforma dos mosteiros de Cluny e Cister, cf. 1ª. parte do nosso trabalho.

⁶⁶ Apesar da resistência por parte da Cúria Romana até o final do sec. XII, há um breve período de maior abertura com Inocêncio III(1198-1216). É exatamente neste contexto, como narra o biógrafo Tomás de Celano, que, em 1210, é aprovada, ainda que apenas oralmente, o primeiro grupo dos seguidores de Francisco(2Cel 13). Porém, a partir do o IV Concílio do Latrão(1215), houve novo endurecimento por parte da Igreja: os movimentos são proibidos de pregar, nenhuma nova regra poderia ser escrita e todas as novas ordens deveriam seguir as regras já existentes..

vasto como o mundo”⁶⁷. É preciso notar que Clara entende a clausura exatamente como forma de ser exemplo. No seu ato de ocultar-se, ela e suas irmãs têm como referência o mundo. Assim diz um trecho da Bula de Canonização de Clara:

Recolhia-se no estreito convento, e se espalhava pelo amplo mundo. Guardava-se lá dentro e manava fora. Pois Clara se escondia, mas sua vida se manifestava; Clara se calava, mas sua fama clamava; trancava-se na cela e era conhecida pelas cidades afora (BulC 3)

Para exemplificar essa maneira de estar aberta ao mundo, basta citarmos o silêncio e a conversa no locutório do mosteiro. O Cardeal Hugolino, em sua Regra de 1219, mostra-se extremamente rigoroso: prevê o silêncio absoluto e o uso de um pano para tampar as grades do locutório. Clara em sua regra coloca o silêncio obrigatório apenas durante a noite; durante o dia se poderia conversar na enfermaria, no refeitório e até mesmo na capela. Além disso, Clara manda as irmãs levantarem o pano do locutório para falar às visitas⁶⁸.

Estas pequenas normas da vida no mosteiro de São Damião, somadas ao seu vigor por manter a fidelidade à pobreza nos permitem dizer que Clara estabelece uma relação com as leis eclesíásticas de maneira muito sábia, colocando sua inspiração inicial como principal referência, mesmo frente ao Papa. Ela é uma mulher da Igreja, mas não trai seus ideais; obedece às normas gerais, mas sabe adaptá-las ao contexto próprio. Clara vive o que podemos chamar de uma “eclesialidade criativa”. Não é à toa que Francisco, na época em que reformava o Mosteiro de São Damião, profetizara sobre as irmãs que ali morariam: “nele ainda haverão de morar umas senhoras cuja vida famosa e santo comportamento vão glorificar nosso Pai celestial em toda a sua santa Igreja” (Testamento de Santa Clara 13).

Após esta breve análise sobre a vida de Clara, suas características e a originalidade de sua proposta de vida religiosa, queremos passar agora a uma análise mais específica dos seus escritos, tentando captar aquilo que se pode definir por “uma cristologia clariana” na proposta de seguimento de Jesus.

⁶⁷ BARTOLII, 1998, p.101.

⁶⁸ PEDROSO, 1994, p.178, nota 22. Ver também a análise sobre a clausura de Clara em BARTOLI, 1998, p.107-112.

CAPÍTULO III

OS ESCRITOS DE CLARA E O SEGUIMENTO DE JESUS

Algumas considerações sobre os escritos de Clara

Apresentamos não uma análise detalhada dos escritos, mas somente uma apresentação do seu conjunto. Em seguida, aprofundaremos de maneira temática o seu conteúdo⁶⁹.

Clara escreve pouco, porém escreve bem. Sempre breve e concisa, procura transmitir a experiência vivida por ela em exortação às outras irmãs. Ela tem uma habilidade ímpar em escrever, sobretudo no que trata de sua Regra:

Ela se apoiou na autoridade reconhecida de Francisco já canonizado e universalmente aceito para fazer passar tudo que compartilhava com ele, mas, mestra na discipulação, soube passar também toda a força extraordinária da sua experiência pessoal de Deus e da vida.⁷⁰

Às irmãs, em geral, Clara escreveu a “Forma de Vida”, que é a sua regra, o “Testamento” e a “Benção”. Para Inês de Praga, uma princesa da Boêmia que também entrou para a Ordem, Clara escreveu várias cartas, das quais sobraram quatro. Para Ermentrudes de Burges, uma alemã que também entrou na Ordem, foram duas cartas, das quais restou uma, provavelmente um resumo posterior das duas cartas. Clara deve ter escrito mais, porém são estes escritos citados os encontrados até hoje.

Todos os escritos devem ter sido do próprio punho de Clara. O único que pode ter sido ditado é a 4ª. Carta à Inês, escrita pouco antes da morte, quando já estava bastante doente.

O tema de base nos escritos é, sem dúvida, a pobreza. O termo “pobreza” aparece 46 vezes, sempre acompanhada de um adjetivo: santa ou santíssima (16 vezes), suma ou altíssima (5), beata (3), piedosa (1) e estupenda (1)⁷¹. Clara também se entende como serva, ora de Cristo, ora das irmãs, ora de ambos. Esta dimensão, com exceção do Testamento, aparece em todos seus escritos.

Nas cartas a Inês é forte o tema dos esposais e do espelho, embora o tema do Cristo como caminho e exemplo apareça também no Testamento. O termo “caminho” aparece 9 vezes; o verbo “seguir”, 5 vezes. Já “imitar” aparece 6 vezes, embora o sentido de “seguir” e “imitar” em Clara seja basicamente o mesmo, como veremos mais adiante⁷².

Predomina nos escritos o aspecto cristológico mais que o trinitário. Também neste caso, não há uma precisão dos termos, pois Clara utiliza “Senhor” geralmente para falar de Jesus Cristo e “Deus” ou “Rei” para falar do pai, porém, fala de “Deus posto no presépio (TestC 45) ou “Rei dos anjos na manjedoura” (Quarta Carta a Inês -4CtIn- 21).

De qualquer forma, a predominância do aspecto cristológico é evidente. Basta citarmos a incidência de alguns termos: Deus/Pai/Criador/Altíssimo para se referir à primeira pessoa da Trindade aparecem pelo menos 53 vezes. O Espírito ou “Espírito do Senhor” é evocado apenas 5 vezes. Já o Filho, lembrado nas expressões “Cristo”, “Jesus Cristo” ou simplesmente “Senhor” aparece pelo menos 85 vezes.

A característica afetuosa de Clara é outro ponto marcante, que aparece, por exemplo, na benção às irmãs quando ela diz ser sua “mãe e irmã”. Mas é, sobretudo, nas cartas a Inês que Clara deixa entrever sua delicadeza e carinho. Aliás, a dimensão de otimismo e ternura é constante nos escritos. Apenas a carta a

⁶⁹ Para uma apreciação mais pormenorizada dos escritos de Clara, bem como das biografias e documentos oficiais, ver: PEDROSO, 2000, p.275-296; também PEDROSO, 1994, p.3-6 e p.167-168, principalmente as introduções a cada um dos escritos.

⁷⁰ PEDROSO, 2000, p.296.

⁷¹ Esta insistência de Clara se acentua se comparada a Francisco que, apesar de ter os escritos mais extensos, fala de “pobreza” apenas 16 vezes. Cf. LOPEZ, 1993, p.128; PEDROSO, 1994, p.201, nota 5.

⁷² LOPEZ, 1993, p.129.

Ermentrudes é que traz alguns elementos de negatividade do mundo ou do inferno, o que inclusive é apontado como possível acréscimo posterior à carta original⁷³.

Resta-nos dizer que Clara fala a partir de uma experiência de vida. Seus escritos são muito mais místicos que doutrinários. O que não tira a beleza e a boa estruturação de sua obra.

Esboço de uma “cristologia clariana”

Clara não é teóloga. Seria ingenuidade querer apresentar uma doutrina sistematicamente organizada da santa de Assis ou mesmo uma cristologia detalhada⁷⁴. Sua formação teológica e compreensão da vida cristã passam pela escuta da Palavra de Deus nas missas, pelas exortações dos pastores, a influência de Francisco e a formação religiosa básica que recebeu de sua mãe⁷⁵.

Isso, porém, não nos impede de tentar ver em seus escritos um conteúdo rico em mística e também de compreensão particular de Jesus Cristo. É este “jeito de entender Jesus” específico que queremos apontar. Estabelecemos os elementos principais do plano da salvação que se referem diretamente a Jesus: a encarnação, vida, morte, ressurreição e a Igreja como continuadora de seu projeto. Para isso, procuramos encontrar referências nos textos e reflexões correspondentes de Clara.

1. Encarnação, vida e morte do Filho de Deus

É possível percebermos nos escritos de Clara várias referências aos momentos da vida de Jesus. Não é novidade dizer que para ela é central a figura do Cristo Pobre. Tal concepção marcará em Clara a visão da encarnação do Filho de Deus, sobretudo no presépio, a vida de Jesus e também sua morte de cruz, pela qual se completa a interpretação clariana: Jesus é o Pobre Crucificado.

Em *primeiro lugar* apresentamos a referência à Encarnação. Na sua Regra, Clara afirma categoricamente: “O Senhor se fez pobre por nós neste mundo”(RSC 8,3). Podemos captar aí sua visão da encarnação: para ela, o Filho de Deus veio ao mundo para nós e por nós⁷⁶. A visão clariana da encarnação baseada no princípio que hoje chamamos *kênosis*, isto é, esvaziamento, aparece de forma evidente na primeira carta escrita a Inês, quando diz: “Ó piedosa pobreza, que o Senhor Jesus Cristo se dignou abraçar acima de tudo, ele que regia e rege o céu e a terra, ele que disse e tudo foi criado” (Primeira Carta a Inês, 17).

Clara vê a Cristo como o Senhor que se despojou de sua condição divina, para assumir nossa pobreza⁷⁷. É óbvio, como dissemos, que Clara não formula uma doutrina trinitária com esta afirmação, mas não podemos negar sua referência ao Filho presente no ato criador, próprio do Pai: para ela, é o Filho que “diz e tudo é criado”. O Filho é a Palavra dita na criação⁷⁸.

Mais adiante, Clara afirma que o Senhor “quis aparecer no mundo desprezado, indigente e pobre, para que os homens, paupérrimos e miseráveis, na extrema indigência do alimento celestial, nele se tornassem ricos, possuindo os reinos celestes...”(1CtIn 19-20). A vida de pobreza de Jesus aparece como exemplo para que Inês e as irmãs se enriqueçam, como meio para um esvaziamento de si e abertura a Deus.

Em *segundo lugar*, notamos a abundante referência de Clara à vida de Jesus. Ela vê na pobreza de Jesus e de sua mãe um dado essencial. É o que se afirma no texto que fecha a regra de Clara:

⁷³ Muitos autores utilizam estes pontos destoantes do restante das obras para afirmar que não se trata de um escrito autêntico de Clara. O mais provável é que se trate mesmo de uma compilação posterior de duas cartas de Clara a Ermentrudes. Neste caso, há a possibilidade de acréscimos feitos ao escrito original. Cf. PEDROSO, 1994, p.214, nota 43.

⁷⁴ BARTOLI, 1998, p.132.

⁷⁵ Mesmo assim, é possível encontrar várias referências aos textos bíblicos nos escritos de Clara. Ela geralmente resume as idéias do texto sem citá-lo literalmente. Cf. PEDROSO, 1994, p.167.

⁷⁶ LOPEZ, 1984, p.454-455.

⁷⁷ BRUNELLI, 1998, p.179.

⁷⁸ Pode-se entrever também um reflexo da interpretação própria do evangelho de João quando Clara diz que Cristo “regia e rege” a terra; isso nada mais quer dizer que o Filho estava em comunhão com o Pai, veio ao mundo e voltou para o seio trinitário.

“...observemos para sempre a santa pobreza e humildade de nosso Senhor Jesus Cristo e de sua Santíssima Mãe” (RSC 12,13)⁷⁹. Clara não diz, mas deixa entrever que a vida do chamado “Jesus histórico” e de sua mãe em Nazaré foi baseada na pobreza e na humildade e é exatamente este estilo de vida que lhe chama a atenção. Clara vê no programa da vida de Jesus esse fator fundamental: “...o Filho de Deus, enquanto viveu neste mundo, não quis jamais afastar-se da santa pobreza” (TestC 35).

Em *terceiro lugar*, temos a morte de Jesus, o crucificado. Para Clara uma coisa é certa: o Filho de Deus foi “crucificado por nós pecadores” (Carta a Ermentrudes - CtEr 11). Não se pode negar a concepção clariana da cruz como expiação, o que inclusive mostra a idéia comum de sua época⁸⁰. A visão clariana do crucificado é nítida na sua primeira carta a Inês: “Ele suportou por todos nós a paixão da cruz e nos arrancou do poder do príncipe das trevas, que nos acorrentava pela transgressão de nosso primeiro antepassado, e nos reconciliou com Deus Pai” (1CtIn 14)

Embora Clara não fuja à concepção expiatória da cruz, chama-nos a atenção o aspecto da reconciliação. Parece que a vontade de Deus foi sempre a união com o ser humano e, uma vez que este pecou, o Pai toma a decisão de entregar o Filho para que a humanidade se reconciliasse com Ele. Porque Deus, para Clara, é o “Pai de toda misericórdia” (TestC 1). Na visão clariana, a cruz é sem dúvida a vitória de Cristo sobre a morte. O Crucificado, como na interpretação joanina, é glorioso⁸¹.

Assim, a vida de Jesus torna-se uma referência fundamental para Clara. O esvaziamento do Filho de Deus motiva Clara a seguir sua pobreza. Ela, porém, não privilegia um aspecto, mas estabelece uma unidade fundamental entre nascimento, vida e morte de Jesus⁸². Escrevendo a Inês, Clara une brilhantemente o presépio, a vida e a cruz de Jesus:

Preste atenção no *princípio* do espelho: a pobreza daquele que, envolto em panos, foi posto no presépio! Admirável humildade, estupenda pobreza! O Rei dos anjos repousa numa manjedoura. No *meio* do espelho, considere a humildade, ou pelo menos a bem-aventurada pobreza, as fadigas sem conta e as penas que suportou pela redenção do gênero humano. e, no *fim* desse mesmo espelho, contemple a caridade inefável com que quis padecer no lenho da cruz e nela morrer a morte mais vergonhosa(4CtIn 19-23)⁸³

Entendemos, pois, que, para falar da fidelidade à pobreza, Clara faz uma bela síntese do projeto salvífico do Filho de Deus⁸⁴. No Testamento, Clara faz a mesma exortação às irmãs “por amor daquele Deus que foi posto no presépio, viveu pobre no mundo e ficou nu no patíbulo” (TestC 45). Uma tal visão unitária da salvação manifestada em Jesus encontra, certamente, poucos paralelos na Idade Média.

2. O Cristo Ressuscitado: a intimidade de esposa, mãe e irmã

Clara estabelece uma relação com Cristo de surpreendente proximidade. Exortando Inês à contemplação, Clara afirma: “Desse modo também você vai experimentar o que sentem os amigos, quando saboreiam a doçura escondida, que o próprio Deus reservou desde o início para os que o amam” (3CtIn 14). Mas Cristo não será para Clara apenas amigo: ele será o Esposo. Eis um dos principais elementos da espiritualidade clariana.

⁷⁹ O texto correspondente de Francisco está na sua Última carta a Santa Clara(1-3): “Eu, Frei Francisco, o menor de todos, quero seguir a vida de pobreza de nosso altíssimo Senhor Jesus Cristo e de sua Mãe santíssima e nela perseverar até o fim”.

⁸⁰ LOPEZ, 1984, p.413.

⁸¹ Neste aspecto, cabe lembrar a importância particular do Crucifixo de São Damião, que ficava na capela do mosteiro, cf. ISABEL, 1987, p.53. Este crucifixo significa muito para todo o movimento franciscano e clariano. Ele retrata a imagem de Cristo na cruz, não pendurado, e sim ereto, com os olhos abertos, vivo. O crucifixo ficou na capela de São Damião durante toda a vida de Clara e representa a síntese de sua idéia da cruz: a manifestação da glória de Cristo. Para uma análise detalhada do crucifixo, ver a interessante obra de ASSEIDONK, O. V. *O Crucifixo de São Damião visto e vivido por São Francisco*. Cefepal: Petrópolis, 1989.

⁸² ISABEL, 1987, p.55.

⁸³ Grifo nosso.

⁸⁴ ROTZETTER, 1994, p.233.

Clara chama Inês de “esposa digníssima de Jesus Cristo e por isso rainha nobilíssima (2CtIn 1,2). Também chama-a “esposa de Cristo” ou “esposa do Rei de todos os séculos” (4CtIn 1.4). Clara elogia Inês por ter rejeitado um casamento nobre, que a sua condição de filha do Rei da Boêmia lhe conferia, “tomando um esposo da mais nobre estirpe, o Senhor Jesus Cristo, que guardará vossa virgindade sempre imaculada e intacta” (1CtIn 7)⁸⁵. Ser esposa virgem de Cristo é, para Clara, expressar aos outros o amor recebido pelo Esposo. A virgindade torna-se fecundidade.

É por isso que Clara, como abadessa do mosteiro, mostrar-se-á sempre afável com as irmãs, apesar de sua austeridade consigo mesma. Submetendo-se a pesadas penitências e jejuns, e vestindo-se de maneira austera como os camponeses da região, Clara paradoxalmente será tranqüila e serena, irmã e companheira, constituindo-se como um exemplo do que se veio a chamar “sororidade”.⁸⁶

Mas a expressão de intimidade da esposa só é possível por uma experiência internalizada de Cristo. É justamente a “acolhida” de Cristo que possibilita sua experiência de esposa. É por isso que Clara, escrevendo a Inês, aponta para a maternidade espiritual de Cristo, chamando-a de “irmã caríssima, ou melhor, senhora muito digna de veneração, porque sois esposa, mãe e irmã do meu Senhor Jesus Cristo(...) ao qual vos dedicastes com amor ardente” (1CtIn 12-13)⁸⁷.

Para Clara, há uma unidade entre mística e prática de vida: é preciso gerar o Cristo espiritualmente dentro de si (mãe), para expressá-lo na vida (esposa), tornando-se companheira do projeto de Jesus (irmã). Isso porque, a verdadeira esposa é aquela que participa do destino do esposo, o que faz aproximar o conceito de esposa com o de irmã, e também o de mãe: as três expressões evocam um “envolvimento” com a causa de Jesus⁸⁸.

É neste contexto que o aspecto mariano da espiritualidade de Clara ganha sentido e força. Falando de Cristo a Inês, Clara exorta-a:

Prenda-se a sua dulcíssima Mãe, que gerou tal Filho que os céus não poderiam conter, mas que ela recolheu no pequeno claustro de seu santo seio e carregou no seu regaço de menina (3CtIn 18-19).

O claustro, na compreensão mais comum da época, era visto como a espera das núpcias celestes a se realizarem só depois da morte. Clara entende “claustro” como fecundidade, vivendo na vida presente o nascimento do Senhor em si⁸⁹.

Por fim, a partir da relação com o Cristo ressuscitado, é possível até mesmo falar em uma abertura para a “escatologia final” nos escritos de Clara, isto é, o destino humano pós-morte. Na carta a Ermentrudes de Bruges, Clara a aconselha: “Querida, seja fiel até a morte àquele com quem você se comprometeu, pois é ele que vai coroá-la com o louro da vida” (CtEr 4). Ou como diz mais adiante: “Entregue fielmente a Deus o que prometeu, e ele retribuirá” (CtEr 8). Longe de ser uma visão meramente retributiva da fé, o que Clara aponta é o fim último da existência humana, isto é, a vida plena em Deus: “(O Senhor) Vai ser seu auxílio e o seu melhor consolador, porque ele é o nosso redentor e a nossa recompensa eterna” (CtEr 16). O mesmo Deus que se fez presente em nossa vida(redentor) é aquele com o qual estaremos unidos para sempre(recompensa eterna).

3. A dimensão eclesial nos escritos clarianos

Clara, como apresentamos anteriormente, é uma mulher da Igreja, mas que sabe manter-se original. Esse sentido de pertença à Igreja, porém, não se deve a uma mera formalidade institucional, mas

⁸⁵ Para uma biografia de Inês de Praga, ver PEDROSO, 1994, p.243-244.

⁸⁶ *Sororidade*, que pode ser equiparado à “fraternidade”, é um termo bastante apreciado no meio franciscano e clariano para designar o jeito próprio de se relacionar das irmãs: MARIA, 1994, p.164-165.

⁸⁷ A tríplice dimensão de “esposa, mãe e irmã” é outro elemento comum entre Clara e Francisco. Cf. PEDROSO, p.201, nota 9.

⁸⁸ BRUNELLI, 1998, p.434.

⁸⁹ M. Isabel também fala da “escatologia de Clara” que, segundo ela, afirma que “o Reino contemplado no espelho que é Cristo, está já presente, dentro de nós”. ISABEL, 1987, p.56.

sim a uma consciência de que na Igreja está o fundamento da vida cristã que é o próprio Jesus. A continuidade entre Jesus e a Igreja se mostra no final da Regra quando Clara diz:

Para isso sejam as Irmãs firmemente obrigadas a ter sempre como nosso governador, protetor e corretor o cardeal da santa Igreja romana(...) a fim de que, sempre submissas e subordinadas aos pés da mesma santa Igreja, firmes na fé católica, observemos para sempre a santa pobreza e humildade de Nosso Senhor Jesus Cristo e de sua santíssima Mãe e o Santo Evangelho, que prometemos firmemente. Amém (RSC 12,12-13).

No testamento, clara usa a expressão “santa mãe Igreja Romana” (TestC 44). A mesma Igreja que, na pessoa do Papa, ofereceu tanta resistência ao seu projeto, Clara chama de “mãe”. Isso por causa da certeza de que as irmãs são um “pequeno rebanho, que o Senhor Pai gerou *em* sua Igreja” (TestC 46)⁹⁰. Além disso, há de se notar uma unidade, expressa nos escritos clarianos, entre Igreja militante e Igreja triunfante⁹¹.

Mas é na terceira carta a Inês que Clara revela mais claramente a missão eclesial das irmãs pobres: “Eu a considero, no bom uso das palavras do Apóstolo, auxiliar do próprio deus, sustentáculo dos membros vacilantes de seu corpo inefável” (3CtIn 8). Clara faz uma adaptação da doutrina do Corpo Místico de Paulo (1Cor 12, 12-31), mas salta aos olhos a originalidade de sua consciência eclesial: ela sabe que os membros da Igreja, sobretudo bispos e o papa, são “vacilantes”, porém, não os julga; ao contrário, oferece o seu serviço e o das irmãs, através da contemplação e oração, em favor da Igreja. A bela e singular visão de Clara elimina qualquer suspeita de uma possível “inutilidade” da vida das irmãs. Elas são nada mais que “auxiliares do próprio Deus”.

O seguimento de Jesus

Embora já tenhamos desenvolvido a concepção clariana de “seguimento de Jesus” ao longo do segundo e terceiro capítulos do nosso trabalho, queremos, nesta parte final, deter-nos um pouco mais sobre o tema.

Primeiramente apresentaremos a idéia clariana de Cristo como *caminho* e como *espelho*, bem como o caráter afetivo e missionário de sua espiritualidade. Por último, apresentaremos o significado histórico de Clara como modelo de seguidora de Jesus e como entender, em seus escritos, a distinção entre “seguimento” e “imitação”.

1. Juntar-se aos passos de Jesus

No início do seu Testamento, Clara faz uma afirmação fundamental: “O Filho de Deus fez-se para nós o Caminho” (TestC 5)⁹². Nesta breve afirmação está condensada toda a proposta cristológica própria do evangelho de João, que Clara resgata: o Filho de Deus se encarna e se nos faz caminho para o Pai. Na carta a Ermentrudes fica mais nítida ainda esta alusão de Clara a Cristo como caminho: “Querida, olhe para o céu que nos convida, tome a cruz e siga o Cristo que vai à nossa frente” (CtEr 9).

É notável que Clara não fale do seguimento de um Cristo que nos espera na casa do Pai, o que daria uma idéia de dualismo entre a vida atual e a vida eterna. Ela, ao contrário, coloca Cristo como aquele

⁹⁰ Grifo nosso.

⁹¹ Isso aparece na Benção de Santa Clara(8-9) e no Testamento(75).

⁹² Clara baseia-se, provavelmente no Evangelho de João(14,6), cf. PEDROSO, 1994, p.190. Mas é de se notar que as outras classificações joaninas de “verdade” e “vida” não sejam citadas por ela. Parece que seu interesse está menos em definições abstratas de Jesus que em apontá-lo como modelo de vida.

que *vai* à nossa frente. Percebe-se, mais uma vez, a concepção unitária entre a vida terrenal e a vida celeste. Aqui poderíamos entender, embora não seja explicitado por Clara, o que significa o *Cristo-Caminho*: viver como Jesus de Nazaré é a forma como ela entende a vida no Espírito do Cristo ressuscitado. O Jesus, que historicamente fez um caminho exemplar de vida é, na vida de Clara, o Caminho⁹³. Esta compreensão concorda diretamente com o texto de Marcos que estudamos no início e com a análise do seguimento a partir da cristologia latino-americana: na vida de Jesus e suas implicações está a base fundamental para o seguimento.

Cristo é para Clara aquele que nos ensina como viver. Ela “aprendeu de Cristo” a simplicidade, a humildade, a honestidade e a pobreza (TestC 56-57). Por isso é preciso juntar-se a Jesus, como diz a Inês: “...você se fez seguidora da santíssima pobreza em espírito de grande humildade e do mais ardente amor, juntando-se aos passos daquele com quem mereceu unir-se em matrimônio” (2CtIn 6-7).

O meio que Clara encontra para aprender a forma de caminhar é mais uma vez a pobreza assumida por Cristo. Mais adiante, na mesma carta, Clara vai dizer a Inês: “Veja como por você ele se fez desprezível e siga-o sendo desprezível por ele no mundo” (2CtIn 19). O mesmo “fracasso” que acompanhou a vida de Jesus, cuja expressão maior foi a cruz e tornou-se a grande referência para os seus seguidores, faz-se presente na vida de Clara e das irmãs: elas serão insignificantes no mundo. Em outra carta, Clara vai demonstrar a Inês sua gratidão e admiração por ter deixado as riquezas que possuía para viver no mosteiro: “Ouvi dizer e estou convencida de que você completa maravilhosamente o que falta em mim e nas outras irmãs para seguir os passos de Jesus Cristo pobre e humilde” (3CtIn 4)⁹⁴.

Por fim, resta-nos falar da dificuldade que o caminho de Jesus Cristo oferece. Clara não tem dúvida de que uma vida com a de Jesus supõe sofrimento e são poucos os que se arriscam por essa via: “E como é estreito o caminho e apertada a porta por onde se vai e se entra na vida, são poucos os que por aí passam e entram. E se há alguns que nele andam por um tempo, são pouquíssimos os que nele perseveram”(TestC 71-72). Assim, aparece a radicalidade de Clara quanto à pobreza:

Creio firmemente que sabeis que o reino dos céus não é prometido e dado pelo Senhor senão aos pobres, porque, quando se ama uma coisa temporal perde-se o fruto da caridade(...) Sabeis que não dá para ser glorioso no mundo e lá reinar com Cristo, e que é mais fácil o camelo passar pelo buraco da agulha que o rico subir ao reino do céu(1CtIn 25-28)

Clara percebe a grandeza de sua vocação e das irmãs. Por isso assim as exorta: “Tomemos cuidado, portanto, para que, se entramos pelo caminho do Senhor, de maneira alguma nos afastemos dele em algum tempo por nossa culpa ou ignorância...” (TestC 74). É então que se faz necessária, na compreensão de Clara, uma constante conversão na vida de quem se dispõe a “juntar-se aos passos de Jesus”

2. A constante conversão: “não esquecer o ponto de partida”

Embora se proponha a seguir firmemente a Cristo, Clara sabe bem que, por causa das dificuldades, essa escolha exige esforço e conversão cotidiana. Em momento algum considera seu caminho terminado, mas, ao contrário, está sempre apontando para um novo começo. É assim que ela exorta a Inês para que a conversão inicial ao Senhor seja alimentada constantemente: “Não perca de vista seu ponto de partida(...), em rápida corrida, com passo ligeiro e pé seguro, de modo que seus passos nem recolham a poeira, confiante e alegre, avance com cuidado pelo caminho da bem-aventurança” (2CtIn 11-13)

⁹³ LOPEZ, 1984, p.459-460.

⁹⁴ A tradução das Fontes Clarianas não tem uma precisão quanto aos verbos “seguir” e “imitar”. Preferimos manter o sentido de “seguir” mesmo quando o a tradução seria “imitar”, para uma maior compreensão daquilo a que nos propomos. Sobre a distinção dos termos, trataremos melhor na última parte deste capítulo.

O texto é uma riqueza para uma espiritualidade a partir do cotidiano, o cultivo da fé no dia-a-dia, nas quedas e avanços da vida. Clara fala de decisão, firmeza no caminho, mas ao mesmo tempo exorta para o cuidado e prudência. A confiança se torna um elemento essencial, sem a qual os passos vacilarão. Mas é, sobretudo, o elemento da alegria que nos salta aos olhos: quem segue a Jesus deve ser alegre. Essa é a característica típica tanto dos seguidores de Clara como de Francisco.

A conversão de Clara baseia-se num princípio que é de suma importância em sua espiritualidade: o *Cristo-Espelho*. Deus é conhecido como que através de um espelho, na criação e nas outras pessoas. Da mesma forma, Clara se conhece como pessoa olhando-se no espelho de Deus que é Jesus Cristo⁹⁵. É um dos temas clarianos mais originais, desenvolvido amplamente nas duas últimas cartas a Inês. Assim diz um trecho:

Ponha a mente no espelho da eternidade, coloque a alma no esplendor da glória. Ponha o coração na figura da substância divina e transforme-se inteira, pela contemplação, na imagem da divindade. Desse modo também você vai experimentar o que sentem os amigos, quando saboreiam a doçura escondida, que o próprio Deus reservou desde o início para os que o amam.(3CtIn 12-14).

Clara não cita o nome de Jesus, mas fica evidente que se trata dele. Ela não exige de Inês que, ao espelhar-se em Cristo, torne-se perfeita do ponto de vista moral, nem mesmo mais sábia. O objetivo é unicamente a transformação do seu ser pela comunhão⁹⁶.

Chama-nos a atenção a visão integrada que aparece nesse texto: mente, alma e coração. Tudo é colocado no espelho para ser transformado. Clara não deseja “purificar sua alma” em Cristo, mas transformar-se “inteira”.

Outro elemento é a amizade: Deus reservou aos que o amam a “doçura” da amizade. É novamente a dimensão afetiva da espiritualidade de Clara que fica ressaltada. Isso aparece bastante na quarta carta a Inês. O texto, de tão belo, fala por si:

Feliz, decerto, é você, que pode participar desse banquete sagrado para unir-se com todas as fibras do coração àquele cuja beleza todos os batalhões bem-aventurados dos céus admiram sem cessar, cuja afeição apaixona, cuja contemplação restaura, cuja bondade nos sacia, cuja suavidade preenche, cuja lembrança ilumina suavemente, cujo perfume dará vida aos mortos, cuja visão gloriosa tornará felizes todos os cidadãos da celeste Jerusalém, pois é o esplendor da glória eterna, o brilho da luz perpétua e o espelho sem mancha.(4CtIn 9-14).

3. Um seguimento afetivo e missionário

Clara não é moralista nem dogmática. Sua espiritualidade é afetiva. Nela, não cabem a interpretação de Deus como juiz todo-poderoso e vingador⁹⁷. Ao contrário, sua experiência mística a faz otimista, leve, carinhosa, enamorada do seu Senhor. Seguindo a quarta carta, Clara continua a falar do espelho⁹⁸. Assim diz Clara:

Olhe dentro desse espelho todos os dias, ó rainha, esposa de Jesus Cristo, e espelhe nele, sem cessar, o seu rosto, para enfeitar-se toda, interior e exteriormente, vestida e

⁹⁵ ROTZETTER, 1994, p.231.

⁹⁶ BRUNELLI, 1998, p.177.

⁹⁷ DELESTY, 1985, p.392.

⁹⁸ O tema do espelho é o central da 4ª. carta e é nela que é mais desenvolvido por Clara, formando um conjunto de singular beleza e profundidade. É nela que está a interpretação unitária de nascimento, vida e morte de Cristo, cujo texto(4CtIn 19-23) citamos no item 3.2.1. do nosso trabalho.

cingida de variedade, ornada também com as flores e roupas das virtudes todas, ó filha e esposa caríssima do sumo Rei. Pois nesse espelho resplandecem a bem-aventurada pobreza, a santa humildade e a inefável caridade, como, nele inteiro, você vai contemplar com a graça de Deus.(4CtIn 15-18)

Novamente aparece o tema do cotidiano: o espelho, entendido como conversão, deve ser olhado “todos os dias”, “sem cessar”. Clara entende que a contemplação da pobreza, da humildade e da caridade de Jesus Cristo transforma o “interior” e o “exterior” da pessoa, o que significa dizer que não se trata de uma espiritualidade intimista, mas que passa a ser expressa para com quem se convive.

É assim que ganha espaço fundamental a dimensão da missão de quem contempla a Jesus Cristo. Para Clara há um movimento lógico da vida espiritual: espelhar-se em Cristo é tornar-se espelho para os outros para que estes, por sua vez tornem-se espelhos a outros e assim sucessivamente. É exatamente esta a missão das irmãs, na compreensão de Clara:

Pois o próprio Senhor colocou-nos não só como modelo, exemplo e espelho para os outros, mas também para nossas irmãs, que ele vai chamar para a nossa vocação, para que também elas sejam espelho e exemplo para os que vivem no mundo.(TestC 19-20).

Ao mostrar a necessidade de tornar-se exemplo para os outros, Clara, certamente, pensa não só nas pessoas de dentro da Igreja, mas também nas que estão para além dela. Dessa forma, a missão das irmãs se torna universal, pelo exemplo.

É só assim que podemos entender a insistência de Clara no início de praticamente todos os seus escritos, em expressões como: “serva indigna de Cristo” (RSC 1,2); “serva de Cristo” (Benção de Santa Clara 6); “fâmula (servidora) de Cristo” (1CtIn 2); “humílima e indigna servidora de Cristo” (3CtIn 1,2); “serva indigna de Cristo” (4CtIn 2); ou ainda “humilde serva de Jesus Cristo” (CtEr 1). O serviço de Clara a Cristo é exatamente este “espelhar-se para se tornar espelho”. É isto que ela chama de “ficar firme no serviço do pobre crucificado” (1CtIn 13). É a base da contemplação como missão e da virgindade como fecundidade.

4. Seguimento e imitação de Jesus

Em Clara de Assis podemos perceber os elementos essenciais do seguimento de Jesus como entendemos hoje. Isso significa dizer que Clara, de certa forma, antecipa em oito séculos uma compreensão ampla e dinâmica do caminho de Jesus, o que torna a santa de Assis um modelo de seguidora, uma referência de espiritualidade tanto quanto os grandes mestres do cristianismo, embora não tenha o título de “doutora”. Aliás, este parece nunca ter sido o objetivo de Clara.

Mas, antes de tudo, é preciso enfrentarmos uma dificuldade: em Clara de Assis, por mais que tenhamos apresentado um conteúdo significativo sobre o seguimento de Jesus, parece que a esta idéia sobrepõe-se a outra da “imitação de Cristo”. Um argumento forte para esta percepção é a insistência na imagem do espelho. Também o fato de que nos escritos clarianos não há uma precisão dos termos “seguir” ou “imitar”⁹⁹. Porém, numa análise mais apurada, percebe-se que, na relação de Clara com a humanidade de Jesus, sobressai a idéia de seguimento, embora fale também de imitação¹⁰⁰.

Segundo Brunelli, o texto bíblico que inspira Clara nas suas formulações tanto para “seguir” ou “imitar” é o da Primeira Carta de Pedro (2,21): “Com efeito, para isto é que fostes chamados, pois que

⁹⁹ Nos escritos, a partir da tradução literal do latim, aparecem ambas as expressões: “seguir os seus passos”(3CtIn 25) ou “juntar-se aos passos de Jesus Cristo”(2CtIn 7); também “imitar seus passos”(TestC 36) ou “imitar os passos de Jesus”(3CtIn 4).

¹⁰⁰ BRUNELLI, 1998, p.188-189.

também Cristo sofreu por vós, deixando-vos um exemplo, afim de que sigais os seus passos”. Assim diz a autora:

Mas o exemplo não é um ‘modelo’ a ser imitado e sim um ‘percurso’ a ser seguido. Ou melhor, o exemplo é um pre-cursor, alguém que fez a experiência, que realizou um projeto, que foi à frente e que agora está diante como paradigma e como caminho para ser seguido. É esta a vocação cristã, pois *para isto é que fostes chamados*”¹⁰¹

Portanto, nos escritos de Clara de modo algum aparece o conteúdo moralizante que ganhou o conceito de *imitação* a partir dos séculos XIII e XIV e que provocava o esquecimento quase total do Jesus histórico. Nos escritos clarianos aparece muito mais o caráter dinâmico do seguimento¹⁰². Clara comunga tanto com a concepção original de seguimento, como vimos no evangelho de Marcos, quanto com a concepção da cristologia moderna, própria da América Latina: seguir Jesus é viver a vida concreta e historicamente situada, na dimensão de fé escolhida e vivenciada por Jesus.

Tudo isso nos leva a concluir que Clara supera as tendências unilaterais da época que apresentamos na primeira parte do nosso trabalho: ela não faz uma radical oposição à hierarquia da Igreja, como os movimentos leigos; também não se define por uma posição apologético-institucional como fazia o clero da época, cuja constituição das cruzadas é o exemplo mais típico; ela também não se guia pelo princípio intimista e moralista da espiritualidade que marcará, mais tarde, como vimos, a *devotio moderna*.

Quanto à questão entre “seguir” e “imitar”, percebemos que nos escritos de Clara, chega-se, a uma relativização dos termos, já que sua preocupação não é conceituar a atitude de quem se coloca no caminho de Jesus, mas sim viver esse ideal: para ela, seguir a Cristo é imitá-lo e imitar Cristo é segui-lo.

¹⁰¹ Ibidem, p. 191. Grifo da autora.

¹⁰² BRUNELLI, 1998, p.192. O Caráter dinâmico do seguimento opõe-se ao “mimetismo” da imitação, cf. DELESTY, 1985, p.393.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos uma tentativa de analisar os escritos de Clara de Assis a partir do que se entende hoje por “seguimento de Jesus”. Para isso, procuramos na primeira parte definir o que seja o seguimento. Num breve estudo sobre o texto de Mc 8,34, enfatizamos o caráter dinâmico do seguimento: é preciso refazer o caminho de Jesus, enfrentando as dificuldades que aparecem. Em seguida, analisamos o seguimento a partir da cristologia, donde compreendemos que seguir a Jesus é um “modelar-se” pelo Pai, isto é, entregar-se confiantemente à ação de Deus com base na vida mesmo de Jesus de Nazaré. Porém, não se trata de uma imitação moral dos seus atos, mas de uma atualização de sua proposta de acordo com a realidade que se apresenta.

Na segunda parte do trabalho, mostramos os elementos fundamentais da vida de Clara de Assis e os traços marcantes de sua espiritualidade. Tentamos também, analisar o papel de Clara como mulher religiosa de seu tempo, as influências que recebeu, os pontos em comum ou divergentes com os diversos movimentos religiosos, bem como a maneira como se inseriu na Igreja de sua época. Destacamos, sobretudo, aquilo que é original de Clara: a fidelidade à pobreza.

Na terceira parte, entramos diretamente nos escritos de Clara, analisando aquilo que pode ser definido como uma “cristologia clariana”, ou seja, o que significa a pessoa de Jesus Cristo para Clara. Tratamos ainda mais especificamente do seguimento de Jesus como “juntar-se aos seus passos”, através de uma constante conversão. Vimos que, em Clara, apesar de os termos “seguir” e “imitar” terem basicamente o mesmo sentido, predomina a visão dinâmica de caminho, mais que um copiar moralmente os atos de Jesus.

À guisa de conclusão, destacamos cinco pontos que nos parecem suficientes para situar Clara de Assis como um modelo de seguidora de Jesus.

Primeiramente, a *consciência do seu contexto histórico*. Clara é uma mulher que vive a sua época de forma consciente, sabendo dos problemas que existem e das possíveis opções que pode tomar. Sabe que a sociedade é dividida entre “maiores” e “menores”, pois experimentou tanto a nobreza quanto a pobreza; que a Igreja e o Império ainda são as duas grandes forças que determinam os rumos da sociedade; que o questionamento dos movimentos pauperísticos feito à Igreja tem pontos positivos, com os quais comunga, e também pontos negativos, dos quais se afasta; sabe, por fim, que sua opção de vida vai na “contramão” do que seria normal a uma jovem de sua origem, ou seja, um casamento arranjado nos ambientes nobres.

Em segundo lugar, o elemento da *conversão pessoal*. Clara é uma mulher de oração. Seu profundo cultivo da espiritualidade é o que lhe dá a condição de líder, amiga e companheira, uma mulher de referência até mesmo para as autoridades eclesiais por sua santidade. Mas tudo isto está fundamentado na consciente busca da conversão pessoal, ou seja, o encontro solitário com o Mistério, o confronto com o absoluto, a amizade com Deus, o “conformar-se” com a vontade do Pai. Sem esta busca pessoal de Clara, qualquer tentativa de formar uma comunidade, organizar um mosteiro ou instituir uma forma de vida própria teria falhado. Antes de caminhar com suas irmãs, Clara teve que fazer a experiência pessoal de Deus, cujo cultivo constante a fez “espelhar” o Cristo na Igreja e no mundo.

Um terceiro ponto, em continuidade com o anterior, é o do *equilíbrio entre horizontalidade e verticalidade*, isto é, Clara une harmoniosamente a relação com Deus e a relação com as pessoas. De dentro do mosteiro, Clara reflete, com suas irmãs, a experiência de Deus que ali acontece. Em momento algum, tanto nos relatos biográficos quanto em seus escritos, percebe-se uma compreensão intimista da fé. Clara é mulher de Deus não para si mesma, mas para os outros. Tem plena convicção de que seguir a Jesus não é uma experiência pessoal, mas implica “juntar-se aos seus passos” no mundo, isto é, entre as pessoas, a serviço delas.

Em quarto lugar, a *relativização do eclesial em nome do eclesial*. Como apontávamos anteriormente, Clara é profundamente eclesial, inserindo-se na Igreja de seu tempo. Mas sabe também

“enfrentar” a autoridade eclesiástica para manter sua originalidade. Ela é mais eclesial que eclesiástica, isto é, ouve mais o Espírito do Senhor - que une e congrega os filhos de Deus - do que a estrutura - que em cada tempo e lugar deve buscar a fidelidade ao mesmo Espírito. Interessa a Clara o cumprimento do chamado de Jesus, e isto se dá pela fidelidade à pobreza. É a humildade de Jesus e não o poder hierárquico que fará do seguidor de Jesus uma testemunha fiel no mundo. Tudo isto dá a Clara um caráter de profetiza: ela propõe a radicalidade do evangelho tanto para dentro da Igreja como para fora.

Por último, a *mística que integra alegria, afeto e amor à criação*. Clara não é uma seguidora de Jesus apenas pelo enfrentamento das forças do mal, mas também pela leveza da alegria. Clara raramente se mostra triste ou amarga, apesar de todo sofrimento com doenças e penitências. Isto acontece pela expressão do afeto tão presente na vida de Clara. Salta aos olhos sua manifestação de carinho pelas irmãs, como mostra as cartas a Inês. Da mesma forma, o amor pela criação: Clara louva a Deus por tudo que, no mundo, manifesta o seu amor pela humanidade. Tal atitude de veneração às criaturas e de alegria afetiva para com as pessoas só é possível por uma mística integrada, na qual razão, fé e sentimento caminham harmoniosamente unidos.

Temos diante de nós um exemplo nítido de seguimento. Clara propõe não uma imitação moral de suas atitudes, mas um “viver como Jesus”, isto é, colocar-se no mundo como pessoa de fé, confiante na ação de Deus em sua vida, consciente da realidade conflitiva que a circunda, conhecedora da condição de pecado presente nas pessoas e aberta ao diálogo com o poder religioso, mas sem perder a fidelidade à inspiração pessoal. Acima de tudo, porém, o que torna Clara uma mulher especial é sua ternura: da mesma forma como Jesus dava alegria e acolhida a quem com ele se encontrava, Clara dá a quem a encontra ou a quem recebe dela uma carta a sensação de amor sincero e gratuito, uma vida de fidelidade ao seu Senhor. Clara brilha aos olhos de quem a conhece. É isto que nos permite dizer da santa de Assis, como na sua Bula de Canonização: “Brilhou na vida, irradia depois da morte. Foi clara na terra e reluz no céu! Como é grande a veemência de sua luz e como é veemente a iluminação” (BulC 133).

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ASSEIDONK, O. V. *O Crucifixo de São Damião visto e vivido por São Francisco*. Cefepal: Petrópolis, 1989. 39p.
- AUGUSTA, C. *Santa Clara de Assis*. Cefepal: Petrópolis, 1988. 96p.
- BARBAGLIO, G., FABRIS, R., MAGGIONI, B. *Os Evangelhos*, vol. I. São Paulo: Loyola, 1990. v.1. 621p. cap. 4: O “segredo messiânico” e a cristologia no evangelho de Marcos. p.515-517.
- BARTOLI, M. *Clara de Assis*. Petrópolis: Vozes, 1998, p.127-146.
- BÍBLIA Sagrada. São Paulo: Paulus, 1990, 1631p.
- BLANK, J. Seguimento. In: EICHER, P.(org.). *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*, São Paulo: Paulus, 1993, p. 819-822.
- BRUNELLI, D. *Ele se fez caminho e espelho*. O seguimento de Jesus Cristo em Clara de Assis. Petrópolis: Vozes, 1998. 253p.
- CREMASCHI, C. G., Pobres Damas. *Dicionário de Franciscanismo*. Petrópolis: Vozes, 1993, p.578-283.
- DELESTY, H. “Imitar” o “seguir” a Cristo? *Selecciones de Franciscanismo*, Valencia, Ed. Província Franciscana de Valencia, n.42, v.14. p.389-393, Sep-Dic, 1985.
- GALILEA, S. *As raízes da espiritualidade latino-americana*. São Paulo: Paulinas, 1986. p.70-71.
_____. *O caminho da espiritualidade*. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 1983.p.66-72.
- ISABEL, M. El Cristo de Santa Clara. *Selecciones de Franciscanismo*, Valencia, Ed. Província Franciscana de Valencia, vol.16, n.46, p.52-58, Enero-Abril, 1987.
- KÉMPIS, T. de. *Imitação de Cristo*. São Paulo: Paulinas, 1993. 255p.
- LECLERC, E. *Francisco de Assis*. O retorno ao evangelho. Petrópolis: Cefepal, 1983, 134p., cap.12: Irmã Clara. p.95-101.
- LOPEZ, S. El seguimento de Jesucristo en la experiencia cristiana de Francisco y de Clara. *Selecciones de Franciscanismo*, Valencia, Ed. Província Franciscana de Valencia, vol.22, n.64, p.121-137, Enero-Abril, 1993.
_____. Lectura cristológica de los escritos y biografias de Francisco y de Clara. *Selecciones de Franciscanismo*, Valencia, Ed. Província Franciscana de Valencia, vol.23, n.39, p.108-463, Septiembre-Diciembre, 1984.
- MARIA, S. Espiritualidade e mística de Clara de Assis. *Grande Sinal*. Petrópolis: ITPF, ano 48, p.159-178, Mar-Abr, 1994.
- MATEOS, J. CAMACHO, F. *Marcos*. Texto e comentário. São Paulo: Paulus, 1998, p. 216-219.
- MONJILLO, D. Seguimento. In: FIORES, S. de, GOFFI, T.(orgs). *Dicionário de Espiritualidade*. São Paulo: Paulinas, 1989. p. 1041-1043.
- MYERS, C. *O Evangelho de São Marcos*, São Paulo: Paulinas, 1992, p. 298-301.
- PEDROSO, J. C. Clara de Assis, in: SCIADINI, P.(org.) *Santos e Santas que influenciaram o II milênio*. São Paulo: Ed. OCD/LTR, 2000, 495p. cap 9, p.275-306.
- PEDROSO, J. C. *Fontes Clarianas*. 3.ed. Petrópolis: Cefepal, 1994. 269p.
- PIERRARD, Pierre. *História da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1982. p.158-161.
- QUEIRUGA, A. T.. *Repensar a Cristologia*. São Paulo: Paulinas, 1998. cap.8: A significatividade de Cristo para o homem de hoje, p.253-289.
- ROTZETTER, A. *Clara de Assis*. A primeira mulher franciscana. Petrópolis: Vozes, 1993, 344p.
- SCHNACKENBURG, R. *O Evangelho Segundo Marcos*, Petrópolis: Vozes, 1974, p. 22-30.
- SILVA, J. A. O relato de uma prática. Roteiro para uma leitura de Marcos. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, Vozes, n. 22, p.11-22.
- SILVEIRA, I., REIS, O. dos. *São Francisco de Assis*. Escritos e Biografias. Petrópolis: Vozes/Cefepal, 1996, 1372p.
- SOBRINO, J. *Cristologia a partir da América Latina*. Esboço a partir do seguimento de Jesus histórico, 1983. cap.4: A fé de Jesus. Relevância para a Cristologia atual, p.97-158.